

“Filhos separados, reparação já”: direito e ciência junto às lutas dos atingidos pela hanseníase



Glaucia Maricato Moreto

Ciências Sociais

Orientadora: Prof^a Claudia Lee Williams Fonseca

Departamento de Antropologia

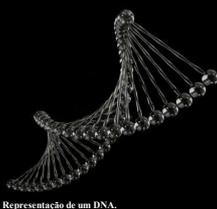
Introdução: Autores contemporâneos, tais como Paul Rabinow e Nikolas Rose, enfocam a fundamental importância de entender como certas tecnologias de governo produzem novas subjetividades. Associado a isso, apontam como o campo da biopolítica envolve formas particulares de conhecimento, regimes de verdades e práticas de intervenção. Desta maneira, propomos, nesta pesquisa, seguir esta linha de análise elegendo como universo empírico um movimento que envolve a “reparação de danos a pessoas atingidas pela hanseníase”.

No Brasil, até a década de 80, os pacientes com hanseníase eram compulsoriamente internados em hospitais-colônia – ao contrário da recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS), da década de 50, pelo fim das políticas de segregação. Assim, com o intuito de organizar as demandas nacionalmente, existe, desde 1981, o Movimento de Reintegração das pessoas atingidas pela Hanseníase (Morhan). Nesse contexto, cabe enfatizar que foi regulamentado, em 2007, o direito aos ex-internados de receber uma pensão mensal vitalícia enquanto uma reparação do Estado brasileiro. Atualmente o Morhan busca ampliar tal benefício para os filhos que sofreram “alienação parental” quando seus pais foram internados. Muitos destes filhos foram colocados em famílias adotivas ou orfanatos e perderam o contato com suas famílias originais. Assim, o movimento estabeleceu um protocolo de colaboração com o Instituto Nacional de Genética Médica Populacional (INaGeMP) que tem como objetivo averiguar, a partir de análises de DNA, vínculos de parentesco que dariam acesso a esse benefício futuramente.

NÓS FOMOS
SEPARADOS,
SOFREMOS!
MAS ESTAMOS
JUNTOS
AGORA.

Objetivos da pesquisa: Nesta fase preliminar de pesquisa, partimos da hipótese de que as interações entre os diversos atores que compõem este movimento, que envolve a “reparação de danos a pessoas atingidas pela hanseníase”, produzem novas subjetividades (de cidadão, de família, etc.). Queremos, em particular, pensar como essas novas formas de intervenção conectam as esferas do passado, do presente e do futuro em um projeto político – provocando rearranjos na maneira em que as pessoas se identificam e se percebem como membros da coletividade. Assim, buscamos entender, a partir da noção de co-produção, conforme propôs Sheila Jasanoff (2004), como direito e ciência se juntam às lutas pelos “atingidos pela hanseníase” na produção de fatos; ou seja, na produção de narrativas sobre os indivíduos e sobre coletividades com um efeito de verdade.

Metodologia: Propomos usar técnicas etnográficas, tais como observação de campo, pesquisa em documentos e entrevistas com atores que compõem esse contexto.



Representação de um DNA.

Referências bibliográficas:

Estado. “Hanseníase: a vida dos órfãos de pais vivos”. Disponível em <http://www.estado.com.br/noticias/impresso/hanseníase-a-vida-dos-orfaos-de-pais-vivos.728194.0.htm>. Acesso em 05/08/2012.

JASANOFF, Sheila. (ed.) States of Knowledge: The Co-Production of Science and Social Order. London and New York, Routledge, 2004.

RABINOW, Paul e ROSE, Nikolas. O conceito de biopoder hoje. *Políticas e trabalho* 24, 2006.